

DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE A HONESTIDADE COMO VALOR FUNDAMENTAL AO BOLSONARISMO

FROM APPEARANCE TO ESSENCE: REFLECTIONS ON HONESTY AS A FUNDAMENTAL VALUE OF BOLSONARISM

Marsiel Pacífico [1]

Resumo: O bolsonarismo corresponde a um fenômeno político populista ocorrido no Brasil em um contexto específico de ruptura de nossa democracia representativa. A construção da imagem de mito entre seus seguidores corresponde a valores específicos dentre os quais, e no que concerne a essa pesquisa, destaca-se o conceito de honestidade. Todavia, a honestidade enquanto valor está em desacordo com a trajetória política do clã Bolsonaro. Nesse sentido, por meio de uma análise qualitativa dos fatos que acompanham a carreira política da família Bolsonaro em contraste com sua imagem, conclui-se que a) o bolsonarismo é oriundo de um contexto específico do qual soube aproveitar para a construção artificial da imagem de honestidade; b) a honestidade no bolsonarismo não têm relações com um projeto moral de bem comum, mas é a defesa do direito de livre expressão, ainda que violenta e preconceituosa; c) o bolsonarismo é essencialmente um movimento identitário.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Honestidade. Populismo.

Abstract: Bolsonaroism corresponds to a political populist phenomenon occurred in Brazil in a specific context of rupture of our representative democracy. The construction of an image of myth between his followers corresponds to specific values, among which and what this research is about, highlights the concept of honesty. However, the honesty as such value itself is in disagreement with the political path of the Bolsonaro's family clan. Within this sense, through a qualitative analysis of the facts that follow the political career of the Bolsonaro family, as in opposite of their image, it was concluded that: a) Bolsonaroism is deriving from a specific context from which it could be taken advantage of for the construction of the artificial image of

[1]Doutor em Educação (UFSCar), é Professor Adjunto na UEMS e Professor Permanente do PROFEDUC/UEMS. E-mail: marsiellp@gmail.com

honesty; b) the honesty in bolsonarism is not related to a moral project of common well-being, but it is the defense of free speech, although violent and prejudiced; c) bolsonarism is essentially an identity movement.

Keywords: Bolsonarism. Honesty. Populism.

Introdução

A partir da busca pelo termo nos mais variados dicionários, podemos definir honestidade como o valor daquele que é moralmente irrepreensível, e que age com pureza, honradez, probidade e, sobretudo, com verdade. Tal virtude moral é louvada por um amplo espectro de intelectuais e seus benefícios são ainda mais importantes quando lidamos com a coisa pública. Se a decisão de ser honesto ou não, ao cidadão comum, tem muito mais impacto sobre o próprio indivíduo, ser governado por um sujeito desonesto pode afetar a vida de milhões de pessoas e, portanto, tem impacto decisivo sobre a coletividade. Nesse âmbito a prática da verdade se faz essencial à medida em que aqueles que estão sobre a tutela de um governante dependem da verdade como instrumento de legitimação de tal liderança.

Outrossim, a honestidade enquanto valor tem primazia moral em detrimento do seu aspecto legal: nem sempre aquilo que é permitido por lei apresenta as virtudes necessárias para ser considerado como algo honesto, e vice-versa. Os campos de concentração e a escravidão são exemplos históricos de práticas atrozmente completamente amparadas pela legalidade em seu tempo. Ações contrárias, como libertar os escravos ou abrigar judeus no contexto nazista, embora absolutamente honestas na perspectiva moral, eram incorretas na perspectiva legal.

Assim sendo, no presente trabalho, buscaremos compreender a formação da imago do político Jair Bolsonaro, tido entre seus seguidores pela alcunha de mito, e líder de um movimento populista denominado bolsonarismo. Tal movimento apregoa à adesão da sociedade civil à representação política dos valores e da família Bolsonaro: o pai, Jair, e seus filhos Flávio, senador pelo Rio de Janeiro, Carlos, vereador pelo Rio de Janeiro, e Eduardo, deputado federal por São Paulo. O bolsonarismo se alicerça em múltiplos valores, dentre eles, e ao que interessa a esse trabalho, destaca-se o conceito de honestidade como bandeira fundamental do movimento. Seus apoiadores são categóricos em reafirmar que tal valor é marca registrada de Bolsonaro e seus filhos, um diferencial valorativo em relação aos seus concorrentes.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizaremos fontes históricas, pesquisas científicas,

entrevistas em diferentes mídias e material publicado em redes sociais. Para a análise qualitativa do processo, contrastaremos a imagem de honestidade criada ao redor de Bolsonaro com sua trajetória política e pessoal, utilizando a honestidade enquanto valor moral, como descrito anteriormente.

Na primeira seção, discutiremos a trajetória que levou Jair Bolsonaro de deputado relativamente inexpressivo a uma figura populista, e de que forma a imagem de político honesto fora construída nesse processo.

Na segunda seção, apresentaremos fatos da biografia de Jair Bolsonaro e filhos que contradizem com a figura de honestidade construída em seu processo de constituição da imago.

Na terceira seção, discutiremos os fundamentos sociais que determinam a predominância da aparência em detrimento dos fatos objetivos, condição necessária para a manutenção da imagem do político frente aos seus seguidores. Para tal consideramos que a honestidade no bolsonarismo não se trata de um valor moral que almeja o bem comum e tem afinidade com a verdade, mas com o desejo da livre expressão, ainda que violenta e preconceituosa.

Por fim, apresentaremos nas considerações finais o panorama histórico que produziu o bolsonarismo, compreendendo que seus adeptos não estão engajados a partir de uma adesão por agenda política, mas, na verdade, encontram-se em uma relação de representação identitária.

A aparência: de deputado do baixo clero ao político mais honesto do mundo

Na sessão plenária da Câmara Federal dos Deputados do dia 21 de março de 2016, Jair Bolsonaro, então deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, discursava em meio ao debate sobre a cassação do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, conclamando seu apoio ante ao impeachment que se confirmaria cerca de cinco meses depois. Após encerrar seu inflamado discurso, ouve-se, ao fundo, gritos de “fascista” e “nazista” dirigidos ao parlamentar, que prontamente retruca com a seguinte expressão: “Me chama de corrupto, pô” (FILIPE EMANUELL, 2016).

Tal resposta marca, entre tantas coisas, uma estratégia de autoprodução identitária no qual o alicerce é uma integridade moral. Porém, tal integridade não é em si um valor absoluto, ou seja, não é a integridade, visto que expressões como fascista e nazista são, em última instância, agressões morais do qual o parlamentar não fez questão nenhuma de se contrapor naquele

momento. A integridade moral escolhida como campo de embate fora demandada por um contexto específico; em uma lógica de mercado, ainda que subjetiva e simbólica, regulam-se as relações pelo jogo de oferta e demanda e os afetos do povo brasileiro, naquele momento, estavam altamente demarcados pelas sucessivas frustrações com seus representantes democráticos, o que está explicitado nessa estratégia do bolsonarismo e de todo populismo exitoso: a hábil leitura contextual do que havia à disposição popular em sua negatividade.

Historicamente, desde sua redemocratização, o Estado brasileiro esteve envolvido em inúmeros escândalos de corrupção:

Na década de 90, porém, com o Brasil não mais sujeito a uma ditadura militar, houve expressivo aumento na divulgação e reconhecimento de acontecimentos escandalosos no país: Caso Jorgina Freitas, Caso Edmundo Pinto, Caso Nilo Coelho, Caso Eliseu Rezende, Caso Quieróz Galvão, Caso Ney Maranhão, CPI do Detran(em Santa Catarina), Dossiê da Pasta Rosa, Escândalo dos Anões, Caso Ricúpero (também conhecido como “Escândalo da Parabólica”), Escândalo do SIVAM, Escândalo do Banestado, Escândalo da Encol, Escândalo da Mesbla, Dossiê Cayman (ou Escândalo do Dossiê Cayman ou Escândalo do Dossiê Caribe), CPI do Banestado, Banco Nacional de MG, Banco Noroeste, Banco Econômico, Bancos Marka e Fonte Cindam, Escândalo da SUDAM e SUDENE. (BASALI, 2015, p. 107)

O envolvimento dos governantes brasileiros com desvios não data apenas da nova República: ao longo da ditadura militar, que governou o Brasil de 1964 até 1985, também se têm relatos de tais perversidades, como explica o historiador Pedro Campos, em entrevista:

Tendo em vista que os instrumentos de fiscalização e controle não possuíam autonomia no período para proceder investigações e fazer acusações contra as práticas ilegais, tudo aponta que no período havia ainda mais corrupção do que nos dias atuais, tendo em vista a facilidade com que elas poderiam ocorrer em um ambiente sem sindicatos, imprensa, organizações da sociedade civil e do Estado com liberdade de atuação. (RODRIGUES, 2018)

Notadamente, tais episódios de desonestidade não cessaram nos governos do Partido dos Trabalhadores. A esperança da sociedade civil brasileira ao apostar em uma agenda de caráter mais progressista e economicamente redistributiva, liderada por um nordestino oriundo do sindicalismo e das classes mais desfavorecidas desse país, se viu em constante desgaste com os sucessivos esquemas de corrupção ocorridos de 2003 até 2016. Porém, o que se apresentava

como inédito no processo fora a ampla cobertura midiática dos escândalos. Enquanto episódios como o da Privataria Tucana, que causou sozinho um prejuízo estimado de 2,4 bilhões de reais ao Estado brasileiro (BIONDI, 2014) pouco ou nada foram discutidos pela mídia, eventos como o do mensalão tiveram ampla divulgação e até mesmo transmissão em rede de televisão aberta em seus episódios mais agudos. Assim, acentuando-se o desgaste entre o povo do segundo país mais desigual do mundo (MAAKAROUN, 2019) e a classe política, altamente privilegiada e constantemente envolvida em ilegalidades, criou-se um contexto efervescente marcado pela carência de representações políticas que transmitissem confiabilidade ao povo.

Todavia, a aura de honestidade em relação ao atual presidente não se fez pelo exercer de seus mandatos parlamentares, nem tampouco era sinônimo de sua representação política em outros tempos. O rompante da construção da sua imagem associada à honestidade pode ser medida pelo histórico de suas votações nos pleitos eleitorais à deputado federal: 67.041 votos em 1990, 111.927 em 1994, 102.893 em 1998, 88.945 em 2002, 99.700 em 2006, 120.646 em 2010 e 464.572 em 2014. Como podemos observar há uma variação similar no período de 1990 até 2010 na votação de Bolsonaro, mas, em 2014, seu aproveitamento quase quadruplica entre uma eleição e outra. Destacamos, para a compreensão do contexto, que o parlamentar era vinculado ao Partido Progressista, agremiação política envolvida nos escândalos de corrupção. Também é preciso enfatizar que, do ponto de vista do desempenho como parlamentar ao longo das suas seis legislaturas, Jair Bolsonaro aprovou apenas dois projetos de lei (REDE BRASIL ATUAL, 2018), não tendo presidido nenhuma comissão relevante ou se destacado como líder partidário.

Então, como um deputado de baixo clero³ com uma votação linear torna-se, em um período de quatro anos, o mais votado do Estado do Rio de Janeiro? E, o que ocorre especificamente entre 2010 e 2014 para fomentar a construção dessa imagem de mito?

Como outrora afirmado, tal rompante ocorre em uma conjuntura específica da política brasileira que se encontrava em uma nova crise de representatividade profunda, que intensificara significativamente a fratura da sociedade civil em seus valores e moral, no apogeu do escândalo vulgarmente conhecido como mensalão. Recordamos que o mesmo foi um esquema criminoso de operação financeira que, segundo o relatório da Polícia Federal, envolveu quase 40 réus, além de deputados e executivos dos partidos da base aliada do governo do Partido dos Trabalhadores. O processo comprovou que, entre os anos de 2003 a 2005, operacionado

[3] Baixo Clero é a expressão política para a bancada de parlamentares com pouca expressividade, que não ocupam cargos e funções de destaque e que, em geral, representam um nicho específico da população.

pelo empresário Marcos Valério, o esquema de corrupção oferecia valores mensais próximos a 30 mil reais para que parlamentares orientassem seus votos a partir das demandas do poder executivo, configurando um desvio total de mais de 100 milhões de reais, ferindo a repartição entre os poderes e o funcionamento estrutural da República.

Nesse contexto, destacava-se a performance incisiva do senhor Joaquim Barbosa, então ministro do Supremo Tribunal Federal e relator do processo na ação penal, cuja atuação contra os responsabilizados pelos atos de corrupção elevou sua aprovação pública e rompeu com uma certa compreensão popular, muito explicada pelos desdobramentos de escândalos de corrupção das décadas anteriores, de que o Supremo Tribunal Federal era um órgão historicamente leniente com os indivíduos poderosos que constituem nossa nação. Tal representação, adjudicada de uma filiação partidária ao Partido Socialista Brasileiro, o fez aparecer nas pesquisas eleitorais para presidente da República no pleito de 2018 com 10% dos votos, ocupando a terceira colocação (MARREIRO, 2018), à frente de políticos tradicionais brasileiros de ambos os espectros, como Geraldo Alckmin, com 8%, e Ciro Gomes, com 9%. Embora o ex-ministro tenha declinado de sua candidatura, sua expressiva presença na intenção de votos, mesmo sem nunca ter se manifestado como pré-candidato, demarcava uma tendência de fundamental importância: o anseio popular pela figura do sujeito antissistema, que antagonizasse com aquela imagem do velho político associado com a corrupção.

No decorrer da ação penal, em certa altura do seu voto, Joaquim Barbosa expôs as bases do funcionamento do mensalão citando o exemplo de compras de voto no projeto da Lei das Falências, de 2003:

Por outro lado, os líderes dos quatro partidos cujos principais parlamentares receberam recursos em espécie do Partido dos Trabalhadores orientaram suas bancadas a aprovar o projeto, que fora encaminhado pelo Governo (...). Somente o Sr. Jair Bolsonaro, do PTB, votou contra a aprovação da referida lei. Todos os demais votaram no sentido orientado pelo líder do Governo e do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados. (BRASIL, Supremo Tribunal Federal, Ação Penal 470, Relator: Ministro Joaquim Benedito Barbosa Gomes, Julgamento em: 27.09.2012. Órgão Julgador: Plenário. Data de publicação: DJe-237, divulg. 02.12.2013, public. 03.12.2013, p. 17)

Tal material audiovisual, editado de seu contexto, fora replicado pela conta oficial do próprio Jair Bolsonaro e, posteriormente, por seus seguidores. A representação popular da reserva moral, Joaquim Barbosa, dando seu atestado de credibilidade ao parlamentar carioca catapultou-o à uma figura que se tornou, no ideário de parte expressiva da população, sinônimo de

honestidade, sobretudo para seus apoiadores. Nos anos seguintes, por diversas ocasiões em entrevistas para veículos de comunicação ou em suas exposições nas redes sociais, Bolsonaro resgatava a fala do ministro Joaquim fortalecendo, paulatinamente, a relação entre si e a retidão moral, valor que aparentava escassez naquele contexto político. Para além disso, o então candidato apostava na centralidade de sua alegada disposição honesta como ferramenta de resolução para problemas estruturais do Brasil, como a crise econômica. Tal perspectiva fica evidenciada na entrevista ao programa *Jornal da Manhã*, da Rádio Jovem Pan, para o professor Marco Antônio Villa, conforme transcrição (JOVEM PAN NEWS, 2017):

Villa: Mas, concretamente deputado, o que eu queria saber é o seguinte: análise estrutural da economia brasileira e o que o senhor projeta para o Brasil, balança comercial...

Bolsonaro: Sem honestidade, não tem como você...

Villa: Mas o senhor acha que basta honestidade, simplesmente?

Bolsonaro: É o alicerce...tudo é o alicerce.

Após a entrevista avançar sem uma resposta substancial ao tema, o entrevistador questiona:

Villa: Mas eu queria, concretamente deputado, que o senhor fizesse uma análise do setor primário, setor secundário, setor terciário, as relações com a União Europeia, com o Mercosul, não vamos ficar na superfície, vamos às questões estruturais.

Bolsonaro: Não, tudo bem, tá certo. Eu não sou economista. Você pode ver: os cinco presidentes militares do Brasil, de Castelo Branco à Figueiredo, eram formados em cavalaria, infantaria e artilharia, com honestidade, escalando seu time de fute (sic), seu time de ministros, botaram o Brasil da quadragésima nona para a oitava economia do mundo.

Na mesma entrevista, nos três primeiros minutos da resposta de Bolsonaro, a palavra honestidade é pronunciada pelo mesmo seis vezes, uma vez é citada a palavra corrupção e dois políticos opositores são citados como exemplo de desonestidade. Em pesquisa desenvolvida pelo Ibope, nesse mesmo ano, a corrupção era a principal preocupação da população brasileira, atingindo 62% dos entrevistados (CARVALHO; GULLINO, 2017). Desse modo, evidencia-se que, para além da solidez das propostas elencadas pelo então pré-candidato, seu discurso ensinava transmitir aos ouvintes uma mensagem *sui generis*: posso não saber como fazer, mas sou honesto e isso bastará.

Tal centralidade do conceito de honestidade desencadeou um movimento entre seus adeptos que fez com que, ao longo do pleito de 2018, em várias cidades pelo Brasil fosse possível encontrar *outdoores* similares a esse:

Figura 1: Nós apoiamos político honesto, e você?



Fonte: Poder360, 2018

Mesmo após a relativização da fala⁴ e seu manifesto apoio, em segundo turno, para o candidato opositor Fernando Haddad (O GLOBO, 2018), Joaquim Barbosa não conseguiu frear a mística da honestidade que já havia ganhado tração política e, para o juízo crítico de muitos cidadãos brasileiros, tornara-se uma verdade inconteste. Ademais, a polarização entre Jair e o candidato do Partido dos Trabalhadores, cuja imagem havia sido amplamente desgastada pelos sucessivos escândalos de corrupção e pela forte recessão econômica no biênio 2015-2016, foi também um impulsionador da honestidade como crivo moral diferenciador entre as candidaturas.

Tal gatilho verídico, ou seja, a não participação no recebimento de propinas oriundas do mensalão no caso da Lei das Falências, fez com que uma imagem absolutizada de honestidade fosse fomentada a partir de informações bem menos sólidas. Surgiram então, sobretudo no

[4] Em seu perfil oficial do Twitter, Joaquim Barbosa se manifestou no dia 27 de outubro de 2018, véspera do segundo turno das eleições presidenciais: “Bolsonaro não era líder nem presidente de partido. Ele não fazia parte do processo do Mensalão. Só se julga quem é parte no processo. Portanto, eu jamais poderia tê-lo absolvido ou exonerado. Ou julgado. É falso, portanto, o que ele vem dizendo por aí.” (GOMES, 2018).

ano de 2018, uma série de imagens e vídeos, especialmente no formato viral de memes, que replicavam o aparente distanciamento de valores entre os postulantes à presidência. Materiais distintos circulavam em alta velocidade pela internet, e mesmo quando bloqueadas devido ao seu conteúdo parcial ou totalmente falso, tal dinâmica irrefreável apresentava sempre um saldo positivo para a construção da imagem de Bolsonaro: no fluxo nauseante de informações, os ditos, ainda que mentirosos, sobressaíam sobre as tentativas dos desditos. Como exemplo, citamos a seguinte imagem:

Figura 2 – Bolsonaro é eleito o político mais honesto do mundo



Fonte: E-farsas, 2016

Folha do Brasil foi um site de notícias posteriormente bloqueado pelo Google, no qual imitava esteticamente o periódico Folha de São Paulo, considerado pelos bolsonaristas setor da mídia parcial e antagônica ao movimento. No ano de 2016, como demonstra a imagem acima, tal portal veiculou a notícia de que organizações internacionais teriam eleito Jair Bolsonaro como o político mais honesto do mundo, à frente de figuras de expressão mundial como Barack Obama, Angela Merkel e François Hollande. Embora desmentido e, posteriormente, bloqueado, o conteúdo de páginas como essa replicam-se de forma exponencial em redes sociais ou aplicativos de comunicação instantânea e sua retratação nunca consegue acompanhar seu

alcance, projeção e velocidade.

Todavia, se a aparência de honestidade fora se constituindo, julgamos necessária a análise comparativa da biografia de Bolsonaro como forma de tensão entre aparência e essência, ou seja, se imagem de honestidade se sustenta ante aos fatos objetivos.

A essência: checando a trajetória do bolsonarismo à luz do conceito de honestidade

Como já enunciado, no presente trabalho a honestidade é defendida como valor predominantemente moral, estritamente ligado à verdade. Dessa forma, elencaremos um conjunto de fatos a respeito dos políticos integrantes da família Bolsonaro, como forma de questionar o valor honestidade produzido pela discursividade bolsonarista.

Primeiramente, sob as legislaturas do clã Bolsonaro pairam inúmeros casos de funcionários conhecidos no jargão popular como fantasmas, ou seja, aqueles que são nomeados e nunca vão trabalhar, tendo seu salário indevidamente pago e, em geral, repartido entre as partes. Segundo levantamento feito pela revista Exame, como deputado federal, Jair empregou, ao menos, cinco funcionárias que nunca foram até seu gabinete, pediram crachá funcional ou sequer se cadastraram como visitantes (BELISÁRIO, 2019A). Dentre tais servidoras, duas doaram juntas um valor de cem mil reais para as campanhas eleitorais da família (BELISÁRIO, 2019B). Como a própria matéria elucida, tal prática tem maiores lastros entre os Bolsonaros:

O caso das cinco funcionárias identificadas pela Pública se soma a outros já noticiados pela imprensa, que envolvem suspeitas de contratação de “funcionárias fantasmas” com recursos públicos por diferentes integrantes da família Bolsonaro.

São elas: Walderice Santos, Nathalia Queiroz, Danielle Mendonça, Raimunda Magalhães e Nadir Barbosa. Muitas têm ligações diretas com militares ou policiais.

Além destas funcionárias, suspeitas semelhantes foram denunciadas envolvendo os assessores Tercio Arnaud Tomaz e Wellington Romano da Silva, além de membros da própria família Bolsonaro, como Renato Antônio e Flávio, respectivamente irmão e filho do presidente.

No caso do próprio filho do presidente, Flávio, enquanto cursava Direito e fazia estágio nos anos de 2000 até 2002, recebeu salários da Câmara Federal como assistente técnico (MA-

GENTA, 2019) e, dado a distância entre Rio de Janeiro e Brasília, o desempenho das funções parlamentares seria impossível. Sobre o irmão Renato Antônio, o mesmo recebia 17 mil reais mensais como assessor especial parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo, mas nunca compareceu à casa e acabou sendo exonerado após denúncia (SBT JORNALISMO, 2016).

Nadir Barbosa, quando procurada pelo periódico Folha de São Paulo, negou ter trabalhado para os Bolsonaros (ALBUQUERQUE; SEABRA, 2019). Wellington Romano da Silva passou quase 250 dias em Portugal ao longo do exercício de suas funções legislativas (LEITÃO; SOARES, 2018). Nathalia Queiroz, por sua vez, compartilhava sua rotina diária como *personal trainer* em suas redes sociais e não detinha nenhum registro de entrada na Câmara. Entre a Assembleia do Rio de Janeiro e a Câmara dos Deputados em Brasília, recebeu remuneração pública de 2011 a 2018 (ALBUQUERQUE, 2018).

O sobrenome Queiroz é comum à família Bolsonaro. Segundo denúncia do Ministério Público embasada em relatórios do Conselho de Atividades Financeiras e da Receita Federal, Fabrício Queiroz, ex-assessor parlamentar de Flávio e pai de Nathalia, e Adriano Nóbrega, ex-policial com alegado vínculo com as milícias do Rio de Janeiro (SOARES, 2020), organizavam junto ao deputado um esquema de desvio de dinheiro público conhecido como rachadinha, no qual o político eleito cobra parte dos salários de seus assessores. Segundo denúncia “foram identificados pelo menos 13 assessores que repassavam parte do salário à Queiroz. Ele recebeu 483 depósitos na conta bancária, que somados atingem R\$ 2.062.360,52.” (GUIMARÃES, 2019). Queiroz tinha como hábito transferir montantes de dinheiro via cheques, para Flávio, mas também há registros de cheques que totalizam 40 mil reais para a conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro (AMADO, 2019). A investigação de tais práticas tramita, atualmente, no Supremo Tribunal de Justiça e já foi alvo de nove recursos do senador para dar fim às investigações (DAL PIVA; OTAVIO, 2020). Após a repercussão das denúncias, o último registro que se tem de Queiroz data de 14 de fevereiro de 2019, quando o ex-assessor efetuou pagamento de R\$133.500, em dinheiro, referente a uma cirurgia realizada no hospital Albert Einstein. Adriano Nóbrega, por sua vez, após longo tempo inativo, foi executado pela Polícia Militar da Bahia e do Rio de Janeiro em uma força tarefa conjunta. Adriano abrigava-se em um sítio de posse de um vereador do mesmo partido dos Bolsonaros, o PSL, embora o parlamentar alegue que sua propriedade fora invadida e que desconhecia a ocupação (LUIZ, 2020).

Tais movimentações financeiras implicam em uma evolução patrimonial brusca, cuja remuneração como parlamentar se mostra incompatível. Segundo declaração para fins eleitorais, obtivemos o seguinte quadro em 2018 (CHEREM, 2018):

Flávio, em 2010, declarou patrimônio de R\$ 690,978 mil; no pleito de 2018, no qual se

elegeu senador, a soma de seus bens totalizou R\$ 1,742 milhão. Já Eduardo, em 2014, detinha um total de R\$ 205 mil; nas últimas eleições seu patrimônio somou R\$ 1,395 milhão. Por sua vez, Jair Bolsonaro que em 2006 tinha R\$ 76 mil, atualmente apresenta um patrimônio estimado em R\$ 2,286 milhões. Tal evolução patrimonial traz ainda, ao debate, uma dimensão ética da democracia representativa: é justo, para um político, utilizar de suas funções, poder e recursos para alavancar a carreira dos filhos? Seria injusto dizer que tal prática é restrita somente à família Bolsonaro, todavia, dado que o pleito intenciona uma participação equânime de seus postulantes, é notório o desequilíbrio de forças daqueles que se assentam em um sobrenome consolidado politicamente, herdando o prestígio e reconhecimento que não são de mérito próprio, mas de seu consanguíneo. Reconhecendo tal desequilíbrio, a Constituição Federal brasileira veta, em seu artigo 14 parágrafo sétimo (BRASIL, 1988), candidaturas de parentes em até segundo grau de eleitos para cargos do executivo, com exceção de reeleição, mas é incompativelmente relapsa com os mandatos legislativos.

Por fim, quando comparamos as falas do presidente aos fatos, costumeiramente detectamos declarações falsas ou distorcidas. Afim de quantificar tais mentiras, a agência de checagem Aos Fatos tem cruzado os discursos de Jair Bolsonaro com os fatos enunciados pelo mesmo desde o dia da sua posse presidencial. Tais frases são transcritas, catalogadas por tema, relacionadas com sua fonte original e analisadas por especialistas que, em caso de mentira ou distorção, expõem ao público as comparações. Nos primeiros 475 dias de mandato, somente Jair Bolsonaro deu 912 declarações falsas ou distorcidas (AOS FATOS, s/d). Somente relativos à pandemia do vírus Covid 19, são 182 afirmações, entre elas, que o Governo Federal havia gasto R\$ 600 bilhões (TV BRASILGOV, 2020) quando na verdade utilizou, até a data do discurso, R\$ 151,2 bilhões (ATOJI, 2020); quando afirmou, em 12 de Abril, “Parece que está começando a ir embora a questão do vírus.” (BOLSONARO, 2020B), quando a contaminação ainda é crescente no país; ou quando afirmou que “Pelo que tudo indica, tem salvado vidas [a hidroxicloroquina].” (BOLSONARO, 2020A) enquanto os estudos científicos mostravam-se inconclusivos (RIBEIRO; CUNHA, 2020). Nota-se ainda um conjunto de informações que, à medida que determinados fatos se elucidam, parecem apontar ainda mais para contradições e mentiras no discurso bolsonarista. Dentre elas destacam-se o envolvimento da família Bolsonaro com as milícias (CALIXTO, 2019) e com o assassinato da vereadora Marielle Franco (FRAGA, 2019), as notas fiscais fraudulentas de gastos com combustível (CASTRO, 2020), além da utilização de meios escusos e ilícitos na sua campanha presidencial, como os robôs (FREITAS, 2020) ou as fake news (CAMPOREZ, 2020).

As reiteradas condutas notadamente desonestas aqui citadas, entre outras não discuti-

das, expõem uma contradição óbvia e amplamente divulgada por diversos veículos e tipos de mídia entre os fatos objetivos e a estética bolsonarista, em especial, no que se refere à honestidade. Ainda que amplamente divulgadas, tais incongruências parecem não repercutir entre os adeptos mais fiéis do bolsonarismo: apesar de uma gestão da pandemia internacionalmente criticada (WASHINGTON POST, 2020), de um crescimento insignificante do PIB e da manutenção da alta taxa de desemprego em 2019, segundo pesquisa Ibope, 25% das pessoas acham a gestão do presidente Bolsonaro boa ou ótima (G1, 2020).

Quais seriam então as determinantes sociais e históricas que justificam o bolsonarismo como um comportamento desvinculado da racionalidade e da objetividade e altamente condicionado às posições e pautas de uma figura cuja imago suplanta a realidade?

Reflexões sobre o bolsonarismo como identidade e honestidade como valor

A ascensão de movimentos populistas não é uma exclusividade do bolsonarismo: nem historicamente, nem a seu tempo. Enquanto os movimentos totalitários protagonizaram a geopolítica mundial na primeira metade do século passado, contemporaneamente observamos a ascensão de líderes extremistas, especialmente à direita, em diversos países do mundo, como o regime militar do Egito, Rodrigo Duterte nas Filipinas, e a onda direitista europeia protagonizada pelas Fidesz na Hungria, AfD na Alemanha, Liga na Itália e Vox na Espanha. A suspeita de Adorno parece cada vez mais diagnóstica de nosso tempo:

A exemplaridade da experiência formativa prejudicada tornaria a educação contra a barbárie de Auschwitz em educação com sentido emancipatório. Vincular a educação a um tal sentido ético não passa pelos bons conselhos ou pelo aperfeiçoamento moral, mas implica a necessidade de intervenções objetivas, materiais, no nível das condições sociais e psicológicas em que se embala Auschwitz. “Que existiu unicamente porque existiram as suas condições objetivas”, adverte o nosso autor; assim como a persistência das mesmas possibilita também a repetição de Auschwitz. (ADORNO, 2000, p. 22)

A projeção do intelectual, que embora Auschwitz estivesse no passado suas condições objetivas continuavam presentes, ecoa no crescimento dos movimentos políticos citados. Em geral, tais grupos apresentam modelos de governos centrados no nacionalismo, na redução do papel do Estado na economia, na violência como política discursiva e de Estado e no combate à

agenda progressista no campo dos costumes. Para além dessas pautas, outro componente central que dá unidade ao bloco é a forma de adesão popular. Esses grupos têm grande repercussão na sociedade civil, com um crescimento rápido e sólido da sua base de apoiadores, exemplificado com a ascensão meteórica do então deputado Jair Bolsonaro que saiu de cerca de 120 mil votos em 2010 para 57,8 milhões em 2018.

Esse crescimento também pode ser relacionado com os modos comunicacionais contemporâneos. A produção de um discurso violento e preconceituoso dificilmente teria espaço público em épocas nas quais os meios de comunicação estivessem restritos às emissoras de rádio e televisão. Dessa forma, a polidez discursiva centrada em uma perspectiva progressista do politicamente correto, que é prezada nos grandes conglomerados de comunicação, contrasta-se com o antagonismo de falas grosseiras que, dialeticamente, aparentam maior honestidade. Não por acaso a projeção política de Bolsonaro muito se fez a partir de programas populistas de televisão, onde a vigilância com a qualidade do debate é minimizada enquanto o apelo ao sensacionalismo é maximizado. Nesses espaços Jair afirmou coisas como (MIDIA NINJA, 2018) ser favorável à tortura, não gostar de gays e achar que mulheres devem ter remuneração inferior no desempenho das mesmas funções trabalhistas que os homens, dentre inúmeras outras falas violentas. De alguma maneira, o avançar de pautas do politicamente correto desvinculadas de um genuíno progresso formativo emancipador parece ter gerado formas de ressentimentos centradas na obrigação daquele que passou a ter que tratar de forma respeitosa o outro por quem ainda nutria ódio e preconceito.

Esse contexto, adjudicado do avanço dos meios tecnológicos, é responsável pela adoção de canais diretos de comunicação entre o presidente Bolsonaro e, essencialmente, seus eleitores, como as famosas lives de quinta, boletim semanal da agenda presidencial transmitido exclusivamente nas redes sociais; também se justifica assim a constante recusa e hostilidade do mesmo com a imprensa tradicional. Na determinação de um espaço independente de fala, a disruptividade linguística ganha legitimidade sob a égide da liberdade: é a dialética perversa da defesa do direito à expressão, ainda que totalitária e violenta. Assim sendo, a honestidade no espectro bolsonarista perde os vínculos com um projeto formativo; não almeja o desenvolvimento de si ou a busca pelo bem comum, nem mesmo se põe à caminho de um caráter honesto, é apenas a reificação da truculência discursiva que almeja poder se expressar desprovida de pensamento crítico; é, por fim, o bestial que não deseja esconder sua barbárie, nem busca superá-la. Do ponto de vista estético, o cru é o fiador dessa honestidade: ao invés de ornamentos elitizados e todas as formalidades que sugerem a liturgia presidencial, a produção bolsonarista beira o tosco, com bandeiras fixadas com fitas em espaços desorganizados. Mais uma vez a honestidade

se dá no abraço à própria mediocridade, sem disfarces, mas também sem compromissos por avanços.

A construção desse cenário é um fator sintomático de uma cultura digital que apresenta duas características centrais na produção desse comportamento: um consumo cada vez maior das redes sociais e, ao mesmo tempo, um descredito das grandes corporações, cujas mensagens parecem sempre atravessadas por interesses contrastantes com os da população brasileira. Quando o bolsonarismo apresenta seus opositores, a expressão de oposição parece ter efeito inverso ante ao populismo:

A influência digital do troll vem tanto da fascinação que a quebra de tabus exerce sobre parte dos usuários – pela qual Bolsonaro ganhou a alcunha de “mito” – quanto dos engajamentos negativos por parte daqueles que se sentem ofendidos: nas mídias sociais, o velho adágio “falem mal, mas falem de mim” adquire uma outra dimensão, inclusive algorítmica. (CESARINO, 2019, p. 501)

Nesse sentido, destaca-se também o crescimento da figura antissistema: “a liderança carismática ascende, supostamente a partir de fora do establishment, como aquele que reivindica a pureza necessária para reintroduzir a ordem em um sistema irreversivelmente corrompido.” (CESARINO, 2019, p. 534). O ensejo pelo novo, por vezes, reforça candidaturas externas à política tradicional, como Donald Trump nos Estados Unidos, mas também pode reforçar o velho que se traja como novo; apesar de ser parlamentar desde 1989 de forma ininterrupta, Jair Bolsonaro conseguiu construir, para muitos, a imagem de uma via diametralmente oposta à figura do político de carreira, tão aversiva na representação popular brasileira. Contraditoriamente, como só poderia ser, entre os fatos e a propaganda, o fisiologismo político de Bolsonaro depõe contra tal figura. Todavia, ao contrário de dissimular tal conduta, Jair expõe, com a honestidade bolsonarista, o que pensa a respeito dos privilégios da classe política no Brasil:

O que que um deputado federal tem? 33 mil por mês de salário, tá (sic) ok? 90 mil pra (sic) contratar funcionários. Eu contrato, meu pessoal é competente. Funciona, me assessora, tá (sic) ok? Você tem 40 mil pra (sic) passagem aérea, transporte, carro, gasolina, almoço. Parou. É isso daí, tá (sic) ok? Se é muito, não sei, eu uso quase tudo isso. [...] Pra mim é suficiente, e não abro mão do que tô (sic) recebendo, deixo bem claro isso aí. Não vou fazer demagogia. (VOLKANNA, 2018).

O ímpeto da evolução populista é proporcional ao advento das manifestações passionais que estabelecem predominância gradativa ante à racionalidade e o cientificismo. Nesse sentido,

Türcke diagnostica o contexto social no qual “As sensações estão a ponto de se tornar as marcas da orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo. (TÜRCKE, 2010, p. 14). Assim sendo, a sensação daquele que se identifica pela ruptura com a dissimulação é primaz ao conteúdo da comunicação, na equação delimitada pela forma *mau-caráter sincero é melhor que um mau-caráter que aparenta ser bom, embora ambos sejam essencialmente a mesma coisa, maus-caracteres*. Tal conclusão implica em uma lógica para a resistência: a racionalidade pode não ser um caminho suficiente. Comuns têm sido as experiências daqueles que apresentam fatos contundentes e inequívocos a respeito das contradições entre as aparências e essências do bolsonarismo para seus seguidores, e se sentem frustrados com a recusa dos mesmos a admitirem obviedades. Podemos iniciar a compreensão da questão dialogando com Türcke:

A torrente de excitação, porém, representa estímulos demais. Ela coloca o organismo na situação paradoxal de não ser mais capaz de transformar os puros estímulos em percepção. [...] Apenas na medida em que a percepção é capaz de fixar-se em algo, juntar-se a algo, é que ela pode tornar-se uma unidade concreta da experiência, pode dar coesão ao organismos sensível, uma identidade, um “aí”, tanto em sentido objetivo quanto subjetivo: como o “aí” é algo de determinado, que posso localizar e fixar, posso eu mesmo me localizar, ter um apoio, sentir-me como unidade de minhas percepções e sentimentos, estar “aí” (TÜRCKE, 2010, p. 66)

Observamos assim que movimentos populistas, tal como o bolsonarismo, são centrados em contundente apelo emocional como forma de angariar apoiadores que se sentem sistematicamente deslocados em nossa contemporaneidade cada vez mais abstrusa. O advento de temáticas científicas complexas, as revoluções dos costumes, o fluxo torrencial de informações e todas as derivações sociais e culturais de um mundo cada vez mais global causam, por vezes, a sensação de instabilidade e fragmentação que angustiam seus contemporâneos. O hipersensorial do populismo torna-se ponto de parada e, portanto, de conforto para as tormentas modernas; não atoa observa-se um quadro composto pelo sentimento reacionário, leitura de mundo binária, discursos simplistas e o pensamento anticientífico associadas a uma prática política que incita o caos, visto que o populismo responde melhor neste contexto.

Considerações finais

Para início das considerações finais destacamos o fato de que a ascensão do bolsonarismo no Brasil é oriundo de circunstâncias históricas e sociais raras e convergentes. Ademais, como todo processo histórico, sua totalidade é constituída de pequenas partes que compõem o resultado final como, por exemplo, o atentado contra a vida de Jair Bolsonaro, sua consequente ausência nos debates televisivos e, no que se refere à honestidade, a menção despreziosa do ministro Joaquim Barbosa foi central para a construção da imagem do mito.

Importa ainda ressaltar que o fenômeno populista brasileiro está circunscrito a um aparente desgaste internacional das relações entre a sociedade civil e a democracia representativa, dado a quantidade significativa de países que convivem com a ascensão de movimentos de extrema-direita. No Brasil, testemunhamos com frequência manifestações clamando a volta da ditadura militar no país, o fechamento do Supremo Tribunal Federal e a dissolução do parlamento.

Outrossim, os sucessivos escândalos de corrupção e ampla cobertura midiática desgastaram a relação do Partido dos Trabalhadores com sua base eleitoral, mas sobretudo com a crescente classe média brasileira. Este contexto resultou na crença da necessidade de um sujeito honesto e fora do sistema como forma de resolver os impasses políticos que eram protagonizados pelos desvios de conduta de nossos representantes, e Bolsonaro soube construir tal imagem frente a boa parte da população.

Como pudemos determinar no presente trabalho, a honestidade bolsonarista contrasta com inúmeros momentos da sua trajetória pública. Todavia, tal impasse é compreendido a partir da determinação do conceito de honestidade no bolsonarismo: não se trata da busca da mesma como valor moral daquele que almeja o bem comum, mas sim daquele que, contra a ascensão das minorias sociais, clama a oportunidade de revelar seus ressentimentos sem filtros.

Tal grupo, cansado da dissimulação, resolve suas tensões psíquicas na representação de um político que assume e, para além, se orgulha dos próprios preconceitos. Por isso, os bolsonaristas não estão abertos ao diálogo ou o debate racional; eles não são adeptos de um movimento, não compraram uma agenda econômica ou um grande plano para o Brasil. Não importam quantas guinadas políticas o bolsonarismo propicie, eles ainda estarão lá, cada vez mais somente os radicais: uma parcela diminuta mas potencialmente explosiva. Tudo isso visto que não se trata de uma adesão racional, mas sim, uma adesão que lhes propicia uma identidade; eles não estão com o Bolsonaro, eles são como o Bolsonaro.

Nesse sentido, Bolsonaro é, em última instância, a representação honesta daquela parcela da população que, honestamente, se incomoda com manifestações de afeto não normativa, com mulheres em cargos de chefia, com pobres nos aeroportos, com religiosidades não cristãs e com negros e indígenas nas Universidades, dentre tantas outras coisas que estão em desacordo com a Casa Grande e não podem mais ser ignoradas.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ALBUQUERQUE, A. L. Ex-secretária parlamentar de Jair Bolsonaro atuava como personal trainer no Rio. **Folha de S. Paulo**. Poder. 14 Dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/ex-secretaria-parlamentar-de-jair-bolsonaro-atuava-como-personal-trainer-no-rio.shtml>>. Acesso em: 17 Abr. 2019.

ALBUQUERQUE, A. L.; SEABRA, C. Carlos Bolsonaro empregou idosa que nega ter trabalhado para vereador. **Folha de S. Paulo**. Poder. 26 Abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/carlos-bolsonaro-empregou-idosa-que-nega-ter-trabalhado-para-vereador.shtml>>. Acesso em: 19 Abr. 2020.

AMADO, G. MP do Rio de Janeiro mira cheques de Queiroz para Michelle Bolsonaro. **Época**. 16 Mai. 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/mp-do-rio-de-janeiro-mira-cheques-de-queiroz-para-michelle-bolsonaro-23668794>>. Acesso em: 15 Abr. 2020.

AOS FATOS. Todas as declarações de Bolsonaro. **Aos Fatos**. Boletim diário. Disponível em: <<https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em 14 Abr. 2020.

ATOJI, M. De onde veio e para onde vai o dinheiro que o governo federal reservou para ações da Covid-19? **Transparência Brasil**. 15 Abr. 2020. Disponível em: <<https://www.transparencia.org.br/blog/de-onde-veio-e-para-onde-vai-o-dinheiro-que-o-governo-federal-reservou-para-acoes-da-covid-19/>>. Acesso em 21 Abr. 2020.

BASALI, R. A. M. A mentira na política. **Ideação**, n. 32, jul./dez. 2015 p. 102-120.

BELISÁRIO, A. Jair Bolsonaro empregava cinco funcionárias que nunca foram ao Congresso. **Exame**. Brasil. 29 Abr. 2019A. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/jair-bolsonaro-empregava-cinco-funcionarias-que-nunca-foram-ao-congresso/>>. Acesso em 17 Abr. 2020.

BELISÁRIO, A. Dois assessores de Jair Bolsonaro doaram mais de R\$ 100 mil para campanhas da família. **A Pública**. 15 Mar. 2019B. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/03/dois-assessores-de-jair-bolsonaro-doaram-mais-de-r-100-mil-para-campanhas-da-familia/>>. Acesso em 17 Abr. 2020.

BIONDI, A. **O Brasil privatizado**: um balanço do desmonte do Estado. Editora Geração. 14^a ed. 2014.

BOLSONARO, J. Live de quinta-feira com o Presidente Jair Bolsonaro (09/04/2020). Temas na descrição: **Youtube**. 9 Abr. 2020A. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=F9jXIF2ExQE&feature=emb_logo>. Acesso em 20 Abr. 2020.

BOLSONARO, J. Presidente Bolsonaro: Depoimento em live com líderes cristãos! **Youtube**. 12 Abr. 2020B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pq67lwBCKU4>>. Acesso em: 19 Abr. 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL, Supremo Tribunal Federal, **Ação Penal 470**, Relator: Ministro JOAQUIM BENEDITO BARBOSA GOMES, Julgamento em: 27.09.2012. Órgão Julgador: Plenário. Data de publicação: DJe-237, divulg. 02.12.2013, public. 03.12.2013.

CALIXTO, L. Dez fatos que ligam a família Bolsonaro a milicianos. **UOL**. Congresso em Foco. 23 Dez. 2019. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/congresso-em-foco/dez-fatos-que-ligam-a-familia-bolsonaro-a-milicianos/>>. Acesso em 21 Abr. 2020.

CAMPOREZ, P. Se não quer investigar, é suspeito, diz relatora da CPMI das Fake News sobre Eduardo Bolsonaro. **Estadão**. 21 Abr. 2020. Disponível em: <<https://tudo-sobre.estadao.com.br/cpi-das-fake-news>>. Acesso em: 21 Abr. 2020.

CARVALHO, J.; GULLINO, D. Corrupção é principal preocupação para 62% dos brasileiros, mas denúncias podem ser coadjuvantes. **O Globo**. Brasil. 31 Dez. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/corruptao-principal-preocupacao-para-62-dos-brasileiros-mas-denuncias-podem-ser-coadjuvantes-22241432>>. Acesso em 19 Abr. 2020.

CASTRO, L. Agência Sportlight: Bolsonaro superfaturou notas fiscais. **Terra**. Notícias. 7 Abr. 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/agencia-sportlight-bolsonaro-superfaturou-notas-fiscais,836415c370adb14e891feed25b6966acjyw6q6wf.html>>. Acesso em 20 Abr. 2020.

CESARINO, L. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, 62(3), 530 - 557. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>. 2019.

CHEREM, C. E. Filho de Bolsonaro aumenta patrimônio em 432% em 4 anos. **UOL**. Política. 20 Ago. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/20/filho-de-bolsonaro-aumenta-patrimonio-em-432-em-4-anos.htm>>. Acesso em: 12 Abr. 2020.

DAL PIVA, J.; OTAVIO, C. Ministro do STJ nega recurso de Flávio Bolsonaro para paralisar investigações de rachadinha. **O Globo**. Brasil. 17 Abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/ministro-do-stj-nega-recurso-de-flavio-bolsonaro-para-paralisar-investigacoes-de-rachadinha-24378914>>. Acesso em: 14 Abr. 2020.

E-FARSAS. Jair Bolsonaro foi eleito o político mais honesto do mundo? **E-Farsas**. 15 Out. 2016. Disponível em: <<https://www.e-farsas.com/jair-bolsonaro-foi-eleito-o-politico-mais-honesto-do-mundo.html>>. Acesso em 12 Abr. 2020.

FILIPE EMANUELL. Me chama de corrupto PÔ.. **Youtube**. 29 de Mar. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=40JLKupQsP4>>. Acesso em 19 Abr. 2020.

FRAGA, P. Ligação antiga de assassino de Marielle com clã Bolsonaro é investigada. **UOL**. Colunas. 6 Dez. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/plinio-fraga/2019/12/06/ligacao-antiga-de-assassino-de-marielle-com-cla-bolsonaro-e-investigada.htm>>. Acesso em 20 Abr. 2020.

FREITAS, C. 55% de publicações pró-Bolsonaro são feitas por robôs. **Valor**. Política. 3 Abr. 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/03/55-de-publicacoes-pro-bolsonaro-sao-feitas-por-robos.ghtml>>. Acesso em 20 Abr. 2020.

G1. Governo Bolsonaro tem aprovação de 25% e reprovação de 48% na cidade de São Paulo, diz Ibope. **G1**. Notícia. 23 Mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/23/governo-bolsonaro-tem-aprovacao-de-25percent-e-reprovacao-de-48percent-na-cidade-de-sao-paulo-diz-ibope.ghtml>>. Acesso em 21 Abr. 2020.

GOMES, J. B. B. Joaquim Barbosa. **Twitter**. @joaquimboficial. 27 Out 2018. Disponível em: <<https://twitter.com/joaquimboficial/status/1056229251538657280>>. Acesso em 18 Abr. 2020.

GUIMARÃES, A. Queiroz recebeu R\$ 2 milhões em 483 depósitos de assessores ligados a Flávio Bolsonaro, diz MP. **G1**. Notícia. 18 Dez. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/18/queiroz-recebeu-r-2-milhoes-em-483-depositos-de-assesores-ligados-a-flavio-bolsonaro-diz-mp.ghtml>>. Acesso em: 15 Abr. 2020.

JOVEM PAN NEWS. Qual foi o placar? Villa e Bolsonaro protagonizam debate intenso. **Youtube**. 23 Mai. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=avLleXGkLR4>>. Acesso em 15 Abr. 2020.

LEITÃO, L.; SOARES, P. R. Ex-assessor de Flávio Bolsonaro passou 248 dias em Portugal enquanto trabalhava para o deputado. **G1**. Notícia. 12 Dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/12/ex-assessor-de-flavio-bolsonaro-passou-248-dias-em-portugal-enquanto-trabalhava-para-o-deputado.ghtml>>. Acesso 18 Abr. 2020.

LUIZ, B. Operação que matou Adriano da Nóbrega teve ao menos três rajadas de tiros, segundo vizinhos. **El País**. Política. 12 Fev. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/politica/2020-02-12/medo-ronda-sitio-onde-miliciano-ligado-aos-bolsonaro-foi-morto-na-bahia.html>>. Acesso em 18 Abr. 2020.

MAAKAROUN, B. Brasil é vice-campeão em desigualdade no mundo. **Estado de Minas**. Economia. 8 Dez. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/12/08/internas_economia,1106657/brasil-e-vice-campeao-em-desigualdade-no-mundo.shtml>. Acesso em 12 Abr. 2020.

MAGENTA, M. Como Flávio Bolsonaro ocupou um cargo na Câmara dos Deputados enquanto fazia faculdade e estágio no Rio. **BBC**. Brasil. 23 Jan. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46828487>>. Acesso em: 19 Abr. 2020.

MARREIRO, F. R. Datafolha: Lula cai e Joaquim Barbosa desponta com até 10%. **El País**. Política. 16 Abr. 2018. Disponível: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/14/politica/1523729933_579711.html>. Acesso em 18 Abr. 2020.

MIDIA NINJA. Bolsonaro em 5 minutos. Assustador! **Youtube**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ghCP4r-hzYI>>. Acesso em 22 Abr. 2020.

O GLOBO. Após declarar apoio a Haddad, Joaquim Barbosa rebate Bolsonaro e reclama de ‘manipulação’. **O Globo**. Brasil. 27 Out. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/apos-declarar-apoio-haddad-joaquim-barbosa-rebate-bolsonaro-reclama-de-manipulacao-23190851>>. Acesso em 19 Abr. 2020.

PODER 360. TRE-RS determina retirada de outdoor pró-Bolsonaro em Santa Rosa (RS). **PODER 360**. 9 Jul. 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/tre-rs-determina-retirada-de-outdoor-pro-bolsonaro-em-santa-rosa-rs/>>. Acesso em 10 Abr. 2020.

REDE BRASIL ATUAL. Em 27 anos como deputado, Bolsonaro tem dois projetos aprovados. **Rede Brasil Atual**. Política. 6 Mai. 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/05/em-27-anos-como-deputado-bolsonaro-tem-dois-projetos-aprovados/>>. Acesso em 6 Abr. 2020.

RIBEIRO, A.; CUNHA, A. R. Eficácia da cloroquina para a cura da Covid-19 não é comprovada. **Aos Fatos**. 20 Mar. 2020. Disponível em: <<https://aosfatos.org/noticias/video-engana-ao>>

-afirmar-que-foi-descoberto-remedio-eficaz-contra-covid-19/>. Acesso em 20 Abr. 2020.

RODRIGUES, A. H. Na ditadura havia ainda mais corrupção no Brasil do que hoje, afirma historiador. **Rede Brasil Atual**. Política. 4 Abr. 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/07/na-ditadura-havia-ainda-mais-corrupcao-no-brasil-do-que-nos-dias-atuais-afirma-historiador/>>. Acesso em 19 Abr. 2020.

SOARES, R. A vida e a morte de Adriano da Nóbrega. **Época**. 14 Fev. 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/rio/a-vida-a-morte-de-adriano-da-nobrega-24247527>>. Acesso em 14 Abr. 2020.

SBT JORNALISMO. SBT Brasil (07/04/16) Exclusivo: Irmão de Jair Bolsonaro é demitido da Assembleia Legislativa de SP. **Youtube**. 7 Abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FMgQeBvKJGo>>. Acesso em: 20 Abr. 2020.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Tradução de Antônio Zuin, Fabio Durão, Francisco Fontanella e Mario Frungillo. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

TV BRASILGOV. Presidente Jair Bolsonaro faz pronunciamento. **Youtube**. 16 Abr. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GwiVPFZ5610>>. Acesso em 17 Abr. 2020.

VOLKANNA. Bolsonaro não abre mão de receber R\$163 mil por mês. **Youtube**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=h0f8NeJjuFs>>. Acesso em 22 Abr. 2020.

WASHINGTON POST. Leaders risk lives by minimizing the coronavirus. Bolsonaro is the worst. **Washington Post**. Opinions. 14 Abr. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/jair-bolsonaro-risks-lives-by-minimizing-the-coronavirus-pandemic/2020/04/13/6356a9be-7da6-11ea-9040-68981f488eed_story.html>. Acesso em 21 Abr. 2020.

Como citar

PACÍFICO, M. Da aparência à essência: reflexões sobre a honestidade como valor fundamental ao bolsonarismo. Revista Ipê Roxo, Jardim, volume 3, número 1, páginas 148-169, fev. 2021.